

Arte e Novas Tecnologias de Vigilância

Art and New Surveillance Technologies

Camila Helena Silva TRAUNMULLER¹
Tarcisio Torres SILVA²

Resumo

No mundo contemporâneo, as práticas de vigiar e ser vigiado trazem questionamentos em função da utilização de novas tecnologias de vigilância e seus efeitos sobre as populações. Neste trabalho, percebemos um interesse específico de diversos artistas para com esse fenômeno, propondo poéticas que questionam a onipresença e os excessos nos usos desses aparelhos. Tendo como parâmetro inicial algumas obras pioneiras dos anos 70, propomos uma análise sobre o tratamento dos artistas sobre a questão da vigilância e como suas obras são influenciadas com o aparecimento de novas tecnologias, como a comunicação móvel e em rede, a utilização de câmeras inteligentes e os drones. A análise se completa com base em fundamentos de autores que problematizam a vigilância, sua influência na sociedade e os caminhos interdisciplinares que fundem vigilância, novas tecnologias e arte.

Palavras chave: Vigilância. Novas Tecnologias. Estética. Arte. Política.

Abstract

In the contemporary world, the practice of watching and being watched raises questions about the use of new surveillance technologies and their effects on populations. In this work, it is noticed a particular interest of several artists to this phenomenon, proposing poetic views on the omnipresence and excesses in the use of these devices. Having as starting point pioneering works of the 70s, it is proposed an analysis of the treatment of the artists on the subject of surveillance and how their works are influenced by the appearance of new technologies such as networked mobile communication, smart cameras and drones. The analysis is complete on grounds of authors posing questions about surveillance, its influence on society and interdisciplinary paths merging surveillance, new technologies and art.

Keywords: Surveillance. New Technologies. Aesthetics. Art. Politics.

¹ Estudante de graduação do Curso de Publicidade e Propaganda. Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPQ. E-mail: camila.hst@hotmail.com

² Doutor em Artes Visuais pela Unicamp, com período de estágio no departamento de Estudos Culturais, Goldsmiths College, Universidade de Londres. Professor pesquisador do Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas e do Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte na mesma instituição. E-mail: tartorres@gmail.com

Introdução

O ato de vigiar, assunto recorrente na sociedade, é tratado no livro *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, filósofo, pensador e epistemólogo francês e um dos grandes destaques para estudar e escrever sobre a vigilância. Observando o modo como o assunto é tratado no livro, é possível notar que a prática de vigiar surgiu e se fortaleceu através da disciplina em variados ambientes como, por exemplo, colégios, escolas militares, prisões, oficinas e fábricas. A ideia de coordenar melhor espaços e aperfeiçoar resultados resulta em uma hierarquia que possui como pilares a observação, análise e punição. De acordo com o autor:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Lentamente, no decorrer da época clássica, são construídos esses “observatórios” da multiplicidade humana para as quais a história das ciências guardou tão poucos elogios. Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura de luz e do visível, preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeita-lo e processos para utilizá-lo. (FOUCAULT, 2010. p. 165)

Além disso, Foucault já havia percebido que a ideia de ser vigiado influenciava no comportamento das pessoas e fazia com que agissem “normalmente”, sejam elas alunos, funcionários ou prisioneiros, ou seja, promoveriam ações como agilidade na produção, evitaria furtos, perdas na produção e pressionaria os estudantes a se esforçarem mais.

Antes da vigilância como forma de controle, ele nos apresentou também os métodos de posicionamento das barracas em acampamentos militares, cores de vestimentas para os cadetes, de acordo com o seu comportamento, honra e “merecimento”, formas de punir os alunos em classe, com tarefas e atividades extras para aqueles que mal se comportaram ou não foram bem em aula.

Mas o olhar disciplinar teve, de fato, necessidade de escala. Melhor que o círculo, a pirâmide podia atender a duas exigências: ser bastante completa para formar uma rede sem lacuna – possibilidade em consequência de multiplicar seus degraus, e de espalhá-los sobre toda a superfície a controlar; e, entretanto, ser bastante discreta para não pesar como uma massa inerte sobre a atividade a disciplinar e não ser para ela um freio ou um obstáculo; integrar-se ao dispositivo disciplinar como uma função que lhe aumenta os efeitos possíveis. É preciso decompor suas instâncias, mas para aumentar sua função produtora. Especificar a vigilância e torná-la funcional. (FOUCAULT, 2010. p. 168)

Fernanda Bruno, doutora em comunicação e uma das fundadoras da LAVITS (Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade), é uma das importantes referências atuais que questiona e discorre sobre a ideia de que a vigilância, como era descrita antigamente, vêm perdendo força. Afirma que novos sistemas de vigilância e de controle vão se estabelecendo, cada vez mais fortes e sem controle ou reflexão das consequências sociais possíveis (Bruno, 2013).

Ela também questiona o uso exacerbado dos dispositivos presentes nos dias atuais e como esses aparelhos vêm se modificando rapidamente, sendo parte de nossas vidas e ajudando a manter a ideia de controle, normalidade e disciplina em nossa sociedade, mesmo que, na maioria dos casos, seja por falta de informação de quem faz uso dos mesmos.

A autora traz o termo “vigilância distribuída” que parte do princípio de que todos são vigiados e vigias, todos são suspeitos e ao mesmo tempo juízes. Ademais, hoje em dia as informações das pessoas estão expostas para outras como imagens, perfis, compras, gostos, hábitos, estilos, entre tantas outras informações sobre os indivíduos, tanto para uso mercadológico, como encaminhamento de promoção, e clientes potenciais, até mesmo os *cookies* do navegador de internet que são utilizados tanto por motivos de segurança como também para a busca de pessoas procuradas, fugitivos ou potenciais suspeitos ou terroristas.

Fernanda Bruno nos apresenta também o grande avanço pelo qual a tecnologia vem passando. Além dos tantos dispositivos que já estamos acostumados a ouvir sobre e já conhecemos muito bem, ela nos mostra, por exemplo, robôs que circulam por

aeroportos com capacidade de reconhecimento facial, o que permitiria que fugitivos e procurados pela justiça sejam encontrados e capturados mais facilmente.

Foucault (2010) discorre sobre como a vigilância foi ganhando força na sociedade, percebida como solução para os negócios da época e apresenta um sistema de vigilância econômico, até então novo, onde uniam todos os benefícios das técnicas de vigilância e controle.

Influências da vigilância na sociedade

Em décadas passadas, essa preocupação era vista como paranoia, já que não era possível ainda entender a dimensão e até onde a vigilância pode alcançar. Já nos dias de hoje, a vigilância muda de cena e equipara-se cada vez mais justamente com a paranoia. Um exemplo disso é os Estados Unidos, após um ano do ataque de 11 de setembro, especialistas em segurança e privacidade dizem que houve um aumento no número de câmeras instaladas nas ruas e um grupo ativista anti-vigilância afirma ainda que esse aumento foi de 40% só no distrito financeiro de Nova York.

Por décadas, a noção de “sociedade da vigilância”, onde todas as faces de nossa vida privada são monitoradas e gravadas, soa como abstrata, paranoia e até artificial. Não mais! ... Ainda sim muita gente ainda não entende o perigo, não compreendem o quão radical um aumento na vigilância pelo governo e pelo setor privado é possível...a partir de uma série de desenvolvimentos paralelos no mundo da tecnologia, direito e política. (STANLEY e STEINHARDT *apud* MANN, NOLAN, WELLMAN, 2003, p.iv)

Todas essas informações servem para fortalecer a ideia de vigilância como algo que foi institucionalizado para disciplinar, punir o que for considerado anormal, fora do padrão, estabelecer ordem e ainda ser um sistema econômico e prático. E ainda, vigilância pode também ocupar um lugar de destaque na preocupação das pessoas em como são expostas, quando e onde.

Ademais, existe uma estrutura de vigilância muito citada que é o sistema Panóptico o qual é apresentado inicialmente pelo filósofo e jurista iluminista, Jeremy Bentham, do fim do século XVIII. Para ele, trata-se de uma estrutura de vigilância

econômica e muito eficaz em qualquer instituição com o propósito de vigiar, controlar e punir.

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas selas da periferia. (FOUCAULT, 2010, p. 190).

A ideia está no vigiar sem ser vigiado, no controle mental e psicológico da pessoa que estiver dentro de uma das celas, deve sentir-se sempre vigiado, e a partir desse sentimento têm de se comportar de determinada forma para não ser punido, assim como em todos os sistemas de vigilância até os dias atuais. Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.

Nossa sociedade não é aquela do espetáculo, mas da vigilância (...). Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens. (FOUCAULT *apud* BRUNO, 2013, p.59)

Além da ideia de vigilância como punição, o Panóptico também poderia ser usado como uma máquina para fazer experiências, modificar o comportamento, treinar e re-treinar os indivíduos. Além de ser utilizada como forma para experimentar remédios e observar seus efeitos, tentar diversas formas de punições, até encontrar uma mais eficaz, ensinar técnicas aos operários e estabelecer qual é a melhor e também experimentar técnicas pedagógicas. Com isso, o Panóptico serviria como uma técnica econômica e com ótimos resultados para estudos, sistemas de punições, reclusão e aprisionamento, além da vantagem de proporcionar poder a quem o utiliza/vigia.

O esquema panóptico é um intensificador para qualquer aparelho de poder: assegura sua eficácia por seu caráter preventivo, seu funcionamento contínuo e seus mecanismos automáticos. É uma maneira de obter poder. (FOUCAULT, 2010, p. 195)

A partir de ideias como a do sistema Panóptico, podemos perceber mais sobre o poder de quem detém a vigilância, ligando-o assim aos questionamentos estabelecidos por Fernanda Bruno (2013), quando esta pergunta: de quanto esta tecnologia nos é segura? Quem está vigiando? Quem está sendo vigiado?

E ainda lembrar, junto a Foucault, como surgem esses sistemas, e para que serviam, quanto a disciplina e controle, passamos a nos preocupar mais e estarmos mais atentos aos dispositivos que nos cercam. *‘La vidéosurveillance, beaucoup y étaient hostiles; aujourd’hui elle est bien rentrée dans les esprits’* (A videovigilância, muitos lhes eram hostis; hoje ela está bem acomodada nos espíritos). ” (BENTHAM J. *apud* BRUNO, 2010, p. 23).

Por fim, para Mann, Nolan e Wellman (2003), qualquer tipo de atividade hoje em dia está constantemente em observação, as organizações observam as pessoas. A fim de desafiar o consentimento e a vigilância, se o controle de tecnologias caísse na mão das pessoas, elas teriam assim uma tecnologia funcionando como uma espécie de Panóptico invertido, para vigiar essas organizações que as vigiam. Os autores chamam essa inversão do Panóptico de *Sousveillance*, palavra que no francês significa “sous” abaixo e “veiller” vigiar. Esse termo serve como um espelho, virado para as organizações que vigiam todos e, esse reflexo é relacionado com um desvio que funciona como uma tática para que as ferramentas de apropriação dos controladores sociais ressuscitem de forma desorientada.

Vigilância e arte

Por volta da década de 60, os artistas passaram a se interessar por uma arte mais eletrônica e experimental, isso devido ao avanço que a tecnologia estava passando como, por exemplo, a criação da primeira câmera portátil de vídeo pela Sony, chamada Portapak. Alguns artistas pioneiros nesse campo da videoarte foram Nam June Paik e Wolf Vostell.

O artista coreano Nam June Paik é o primeiro a começar a explorar o uso da imagem de uma maneira diferente da já usada na televisão. Por volta de 1963 ele já fazia experiências chamada de *Distorted TV Sets*, que consiste na interferência da imagem recebida pelo televisor através de circuitos internos. O artista não usava

câmeras para captação de imagem nessa obra, porém ainda continuou sendo considerado um dos primeiros no campo da videoarte. É importante citar também como referência o trabalho de Marcel Duchamp que já mostrava inspirações para a vídeo arte no campo das artes plásticas com seus *ready-mades*³.

Já em 1974, Paik criou uma obra que também coloca em questão vigilância, trata-se de uma estátua pequena do Buddha colocado em frente a uma TV como se estivesse assistindo e simultaneamente existe uma câmera de vigilância de circuito fechado voltada para o Buddha (Figura 1). Com essa obra, o artista consegue introduzir o contraste entre um ícone de uma cultura antiga, o Buddha, e toda a filosofia por trás dele e contrasta isso com o que se tinha nos anos 70, que seria uma tecnologia cada vez mais moderna que já alienava e vigiava as pessoas trazendo uma visão mais superficial do homem.

Figura 1 – *TV Buddha*, Nan June Paik, 1974



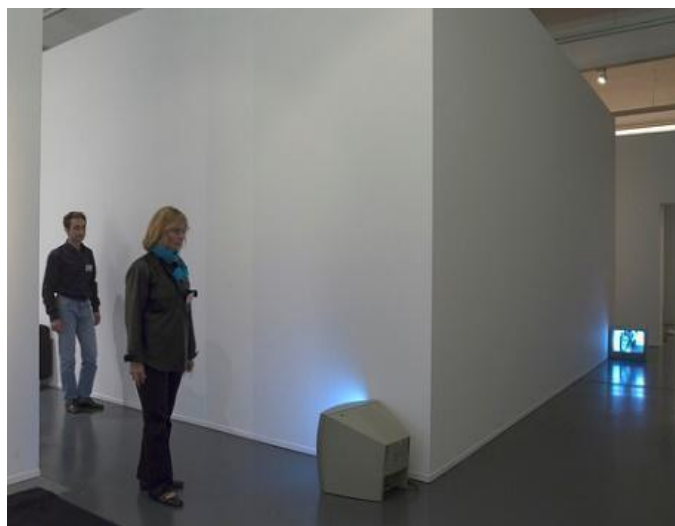
Fonte: <https://switchtalk.files.wordpress.com/2009/12/tv-buddha1.jpg>

Além disso, outra prática está na obra do artista norte-americano Bruce Nauman, com a histórica instalação *Going Around The Corner Piece*, entre as décadas de 60 e 70. Ele foi um dos primeiros artistas a abordar a vigilância de forma estética por meio de vídeo, neon, e tecnologia, questionando também os efeitos causados em nossa sociedade. Na obra, caminhando por entre cantos (“*corners*”), o visitante era capaz de

³ O *ready-made* nomeia a principal estratégia de fazer artístico de Marcel Duchamp e é uma forma ainda mais radical da arte. Essa estratégia refere-se ao uso de objetos industrializados no âmbito da arte, desprezando noções comuns à arte histórica como estilo ou manufatura do objeto de arte e referindo sua produção primariamente à ideia.

ver outros visitantes nos monitores posicionados no chão, e a si mesmo, porém com um atraso no tempo do vídeo.

Figura 2 - *Going Around The Corner Piece*, Bruce Nauman, 1970



Fonte: <http://l.yimg.com/g/images/spaceout.gif>

Já próximo ao atentado de 11 de setembro, os Estados Unidos acabaram de obter um crescimento do boom econômico ao longo dos últimos 10 anos e estavam recém recuperados da Guerra Fria. Ocupam hoje uma posição central na nova ordem capitalista estabelecida, na qual convergem os fluxos econômicos principais. Além disso, com a intensificação da globalização as questões de segurança e vigilância se tornam mais intensas. Por exemplo, após o atentado terrorista às torres gêmeas vem a tona uma paranoia que perpetua até hoje, trata-se de uma vigilância extrema sobre pessoas, lugares, fronteiras e até outros países.

Como exemplo disso, temos Hansan Elahi, professor na Universidade de Maryland, que faz parte de um grupo de artistas secretos que trabalharam em um período violento a fim de coletar e revelar informações não declaradas anteriormente. Estão inclusos nesse grupo Ahmed Basiony, Thomas Demand, Hasan Elahi, Harun Farocki, Jenny Holzer, Trevor Paglen e Taryn Simon. Estes artistas expuseram suas obras em 2014 no *Scottsdale Museu de Arte Contemporânea* em Phoenix, e ela ficou conhecida como *Covert Operations: Investigating the Known Unknowns*.

A ideia do nome da exposição saiu de uma declaração do Secretário de Defesa Donald Rumsfeld em 2002 logo após o atentado, quando respondendo a uma pergunta de um repórter diz: “...*there are things we know we know. We also know there are known unknowns; that is to say we know there are some things we do not know. But there are also unknown unknowns—the ones we don’t know we don’t know.*” (THERE, 2016). A obra abrange temas conceituais acerca de sigilo e divulgação, violência, poder, subterfúgios, vigilância, território, geografia e do visível versus o escondido e os assuntos variam de instalações militares classificados e satélites de reconhecimento a fronteira e imigração de vigilância, o perfil do terrorista a narcóticos e tráfico de seres humanos e até voos ilegais de extradição para armas nucleares.

Vigilância e tecnologia

Com o avanço da tecnologia e da vigilância, muitos artistas decidiram fazer intervenções e releituras de dispositivos modernos como, por exemplo, drones e cabos submarinos de fibra ótica, para trazer à tona a vigilância constante sobre a população e as consequências desses aparelhos tecnológicos cada vez mais eficazes e invisíveis ao olhar da sociedade.

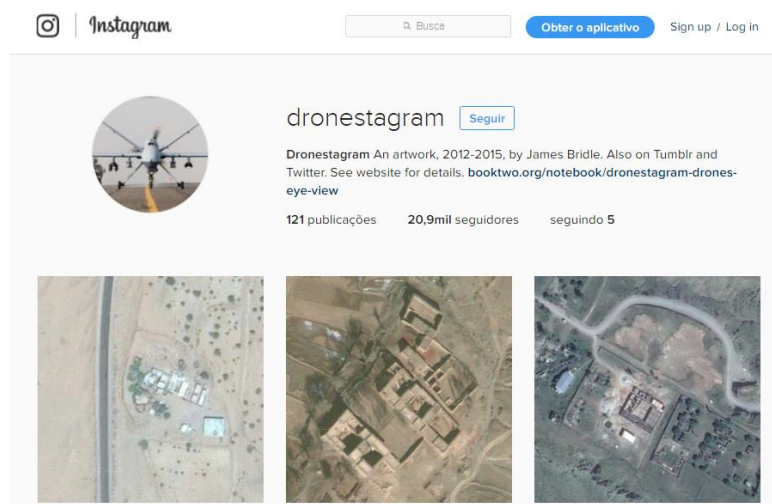
Em *Teoria do Drone*, Grégoire Chamayou aborda o modo como o drone é um exemplo de um instrumento que melhor exemplifica o unilateralismo diplomático dos Estados Unidos. Além disso, essa guerra invisível é travada sem qualquer referência a ONU, ao Conselho Nacional de Segurança ou à Lei Internacional, sem contar que qualquer tipo de reação daqueles que sofrem os ataques é nula.

Quando o dispositivo de telecomando torna-se máquina de guerra, o inimigo é que é tratado como material perigoso. Eliminam-no de longe, observando-o morrer na tela a partir de um casulo aconchegante de uma safer-zone (zona segura) climatizada. A guerra assimétrica se radicaliza para se tornar unilateral. Pois é claro que ainda se morre, mas só de um lado. (CHAMAYOU, 2015, p. 32)

Exemplificando também a “teoria do drone”, James Bridle, artista nascido em Londres, tem como objetivo de algumas de suas obras tornar visível e trazer à tona uma arma militar não tripulável, o drone. Bridle, em um dos projetos criou em várias redes

sociais, inclusive no *Instagram*, o *Dronestagram*⁴, uma ferramenta que identifica áreas recentes de ataques aéreos, cujas imagens são obtidas através do *Google Maps*.

Figura 3 - *Dronestagram*, página inicial.



Fonte: <https://www.instagram.com/dronestagram/>

O projeto, que dá visibilidade a áreas normalmente citadas apenas através de estatísticas, evidencia áreas na mira dos “brinquedos”. Na visão de Chamayou:

A guerra a distância baseia-se no conceito fundamental de sistema pilotado a distância [...] o operador do veículo, situado em um lugar distante, recebe informações por meio dos sensores colocados a bordo. [...]. Para corpos humanos com habilidades necessariamente limitadas, mesmo que tenham armas, qualquer defesa se torna inútil antes tais máquinas, que não conhecem outros limites se não os mecânicos. A guerra e a distância são uma guerra de máquinas humanas contra o corpo humano. É como se o espírito humano tivesse decidido alojar-se em máquinas com o propósito expresso de destruir o corpo humano. [...]. Um lado perde pessoas; o outro lado perde brinquedos. Só resta atirar e morrer... e brinquedos não morrem. (CHAMAYOU, 2015, 245)

Outra obra que propõe a mesma questão é *Under the Shadow of Drone*, no qual o artista faz um esboço em grande escala de um drone pintada pelas ruas, tornando-o assim visível e chamando a atenção das pessoas de forma enérgica para essa tecnologia militar que além de estar presente no dia a dia, pode romper com as responsabilidades morais e políticas de pessoas e países para com outros. O artista utiliza de toda a

⁴ <https://www.instagram.com/dronestagram/>

tecnologia e ferramentas disponíveis para colocar em pauta o efeito de sistemas novos de tecnologias e uso muitas vezes cego da sociedade em relação à tecnologia.

Nós todos vivemos sob a sombra do drone, embora a maioria de nós têm a sorte de não viver sob o fogo direto. Mas a atitude que eles representam - da tecnologia utilizada para o obscurecimento e violência; da ofuscação da moralidade e culpa; da ilusão de onisciência e onipotência; do menor valor da vida de outras pessoas; de, francamente, guerra sem fim – deve preocupar a todos. (BRIDLE, 2013).

Figura 4. *Under the shadow of drone*, James Bridle.



Fonte: <http://s3.amazonaws.com/lighthouse.s3.amazonaws.com/assets/968/primary.jpg?1368436894>

Outro exemplo de um artista que se envolveu nessa questão é Trevor Plagen, doutor em geografia pela U.C. Berkeley. Ele tem fotografado e escrito sobre drones, black sites militares e satélites. Expôs sua obra fotográfica *Unnamed* no museu *Metro Pictures* em Nova York, na qual ele torna visível a estrutura de vigilância dos Estados Unidos. O artista captura imagens a longas distâncias, usando lentes de telefoto projetadas para astrofotografia, os cabos submarinos de fibra óptica os quais compõem a infra-estrutura física da internet e, ainda segundo o mesmo, esses mesmos cabos são usados pelas empresas de comunicação, porém a NSA⁵ oferece dinheiro a elas para ter acesso.

⁵ Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos.

Figura 5. Exposição Trevor Paglen 2015. *Metro Pictures*.



Fonte: <https://static01.nyt.com/images/2015/10/09/arts/09PAGLENGALLERY4/09PAGLENGALLERY4-master675.jpg>

Além disso, Paglen, ao tirar fotos com sua câmera, alcança complexos de inteligência militar escondidos e que com o uso de drones ativos e cabos submarinos, conseguem levar dados de todo o mundo a diversas áreas dos Estados Unidos. Com isso, ele revela pontos obscuros sobre a vigilância, que na maioria das vezes passam despercebidos pelas pessoas em seu dia a dia. Sua obra expõe uma investigação sobre a vigilância digital feita pela NSA e pelo órgão governamental britânico GCHQ⁶, em conjunto com empresas como *Google*, *Yahoo* e *AT&T*. E, segundo a jornalista do *New York Times*, Martha Schwendener (2015), essa é uma exposição de arte pertinente, raridade, sobretudo porque, com a nossa inércia contínua frente às iniciativas ilegais da NSA, precisamos de lembretes contínuos dessa vigilância para nos sentirmos compelidos a tomar providências.

Todos esses artistas trabalharam em suas obras a partir de novas tecnologias, ferramentas disponíveis para tratar de um assunto denso, a vigilância. As tecnologias usadas são variadas, como drones militares, cabos de fibra ótica submarinos, câmeras inteligentes e redes sociais. Os artistas usaram sua criatividade poética de forma a direcionar esteticamente o olhar dos espectadores para problemas da sociedade

⁶ *Government Communications Headquarters* (GCHQ) é um serviço de inteligência britânico encarregado da segurança e da espionagem e contraespionagem nas comunicações.

relacionados à vigilância que precisam ser discutidos e percebidos de uma forma mais crítica.

Considerações finais

Ressaltamos nesse trabalho que novos sistemas de vigilância estão em crescimento e seguem com pouco controle ou reflexão das consequências sociais possíveis em torno da questão de privacidade e vigilância.

Observamos também a presença da vigilância e da tecnologia na arte a partir da década de 60, notando a atuação de artistas em meio às questões sociais vividas em sua época, além da evolução no uso de dispositivos, desde a *Portapak* até a câmera portátil *GoPro*, exemplo do avanço tecnológico audiovisual presente em todo o mundo.

É possível concluir que, apesar da vigilância afetar a todos de forma similar, há também resistência. A chamada “vigilância distribuída” (Bruno, 2013) parte do princípio de que todos são vigiados e vigias, todos são suspeitos e ao mesmo tempo juízes. As pessoas agem de formas diferentes em relação à vigilância e à influência do Panóptico moderno, representado pelas novas tecnologias. Assim, a arte serve como espaço de alerta, crítica e resistência dessas formas de poder, contestando assim as influências da vigilância na sociedade.

Acreditamos que com seus trabalhos, os artistas têm resultados muito eficazes, pois promovem o questionamento da vigilância e do uso de novas tecnologias nesse contexto. Além disso, observamos que a arte, em constante diálogo com questões sociais, apropria-se rapidamente de elementos críticos ao funcionamento da sociedade e os transforma em instrumentos para uma crítica poética.

Referências

BRUNO. F.. **Máquinas de ver, modos de ser** - vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. Contramanual para câmeras inteligentes: vigilância, tecnologia e percepção. **Revista Galáxia**, n. 24, p. 47-63, dez. 2012.

_____. Estética do flagrante: Controle e prazer nos dispositivos de vigilância contemporâneos. In: Cultura e Pensamento, **Revista Cinética**. Rio de Janeiro, 2006.

Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/fernanda_bruno.htm>. Acesso em 16 mar. 2015.

BRUNO, F.; KANASHIRO, M.; FIRMINO, Rodrigo. **Vigilância e visibilidade** - espaço, tecnologia e identificação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CHAMAYOU, Grégoire. **Teoria do drone**, São Paulo: Cosac Naify, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MANN, Steve. NOLAN, Jason. WELLMAN, Barry. Sousveillance: Inventing and Using Wearable Computing Devices for Data Collection in Surveillance. **Surveillance & society**, 1(3), p. 331-355, 2003. Disponível em: < [http://www.surveillance-and-society.org/articles1\(3\)/sousveillance.pdf](http://www.surveillance-and-society.org/articles1(3)/sousveillance.pdf)>. Acesso em 25 fev. 2016.

NASCIMENTO, Liliane da Costa. Dispositivos Artísticos e Vigilantes: as Estratégias Estéticas da Software Art. **Ecompós**, vol. 9, agosto de 2007. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/163/164>>. Acesso em 16 fev. 2016.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1983.

SILVA, Tarcisio Torres. Práticas de resistência em vídeo: da videoarte aos ambientes colaborativos. **III Simpósio Nacional ABCiber**, São Paulo, 16 a 18 de novembro de 2009.

Outras fontes consultadas

BRUNO, Fernanda. **Dispositivo de visibilidade** [blog na internet]. Disponível em: <<http://dispositivodevisibilidade.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10 mar. 2015.

BRIDLE, James. Under the Shadow of the Drone. **Lighthouse**, 2013. Disponível em <<http://www.lighthouse.org.uk/programme/james-bridle-under-the-shadow-of-the-drone>> Acesso em 28 mar. 2016.

CHAYKA, Kyle. Por que é tão difícil enxergar a vigilância? **Vice**. 2015. Disponível em < http://motherboard.vice.com/pt_br/read/por-que--to-dificil-enxergar-a-nsa>. Acesso em 17 abril 2016.

MAASS, Peter. 2014. Art in a Time of Surveillance. **The Intercept**. 13 nov. 2014. Disponível em <<https://theintercept.com/2014/11/13/art-surveillance-explored-artists/>>. Acesso em 14 abril 2016.

SCHWENDENEROCT, Martha. 2015. Trevor Paglen Brings Surveillance to Metro Pictures. **The New York Times**, 8 out. 2015. Disponível em <http://www.nytimes.com/2015/10/09/arts/design/trevor-paglen-brings-surveillance-to-metro-pictures.html?_r=0>. Acesso em 17 abril 2016.

SOKOL, Zack. 2015. Trevor Plagen Photographs. **Vice**, 9 set. 2015.. Disponível em <<http://www.vice.com/read/the-map-is-the-territory-0000742-v22n9>>. Acesso em 17 abril 2016.

THERE are known knowns. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/There_are_known_knowns#cite_note-defense.gov-transcript-1>. Acesso em 15 set. 2016.